

**Evento:** XXXIII Seminário de Iniciação Científica ▾

A DANÇA COMO ESCRITA DO CORPO: PALAVRAS REIVINDICADAS DIANTE DA VIOLÊNCIA DE GÊNERO ¹

Emily de Oliveira Basso ², Maria Simone Vione Schwengber ³

¹ Projeto de pesquisa desenvolvido na Unijuí, enquadrando-se nas discussões sobre violência de gênero

² Bolsista; estudante do curso Educação Física ; Bolsista do programa de fomento: Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica e Tecnológica da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio Grande do Sul - PROBIC/PROBITI-FAPERGS

³ Professor(a) Dr.(a) orientador do projeto Por Uma Educação Da “Não Violência” Dos Corpos: Políticas-Digitais Feministas Vão À Escola E À Universidade

INTRODUÇÃO

Na contemporaneidade (2025), observamos a emergência de um conjunto de artefatos que passam a tematizar diferentes tipos de violências. Nesse sentido, arte em sua dimensão artística/estética tem sido usada historicamente como possibilidade de manifesto em defesa de diferentes causas/temas sociais. Em todas as suas formas, a arte foi um meio para apresentar ao mundo a visão de mulheres sobre seus status sócio-político, apresentar suas vidas, experiências e corpos em uma nova perspectiva, sendo uma resistente linguagem do feminismo para transmitir mensagens (Black Brazil Art, 2020).

Entendemos, assim, que algumas violências como as de gênero, no tempo presente (2025), têm se deslocado do âmbito da intimidade (privada) de experiências pessoais para a esfera pública, galgando espaços de fala, produzindo discursividades que mostram a iminência de uma luta (que está longe do fim) (Schwengber, 2024), um sinal de perceptíveis avanços. Dado que, durante as décadas de 30 e de 40 do século XX o corpo feminino era compreendido como o “outro” do corpo masculino (Goellner, 2003).

Compreendemos por violência todo ato que rompe com qualquer forma de integridade do sujeito violentado, podendo ser integridade física, psíquica, sexual e/ou moral (Saffioti, 2004). Nesta escrita, nos apropriamos do conceito de violência contra a mulher, a qual está inserido na violência de gênero, que acomete mulheres por este lugar de subjugação e objetificação produzido socialmente, derivado das características próprias de gênero (Saffioti, 2004).

Nesse sentido, apostamos em um corpo dançante, sentindo, refletindo, expressando, comunicando, exteriorizando sentimentos, emoções, memórias, conflitos, violências,



sensibilizando os sujeitos para a ideia de auto-proteção. Para isto, nos sustentamos em uma proposta metodológica na qual as experiências corporais desenvolvidas em processos criativos em dança se traduzem em uma espécie de jogo de construção poética no qual o objetivo seja uma educação pela não-violência dos corpos.

Com isso, no decorrer desta escrita pretendemos analisar como um grupo de mulheres expressa corporalmente a violência de gênero, através da dança e da idade central de *Rasaboxes* (Schechner, 2001), um trabalho expressivo que estimula a comunicação das emoções através do corpo.

Assim, lançamos a seguinte pergunta: De que modo a experiência corporal com a dança, vivenciada por um grupo de mulheres, permite problematizar as violências de gênero? Destacamos que a presente escrita se relaciona com o Objetivo de Desenvolvimento Sustentável de número 05 “Igualdade de Gênero” (ONU, 2025) e foi aprovado pelo Comitê de Ética da Unijuí, sob o parecer CAAE número 53035721.9.0000.5350.

METODOLOGIA

Esta é uma pesquisa qualitativa, dado que, as pesquisas qualitativas consistem em coletar dados por meio de observação, relato, entrevista e outros (Gil, 2006). O estudo contempla inicialmente um estado da arte, com base em pesquisa bibliográfica em periódicos e livros, relacionado com uma investigação artística (pesquisa-ação) com a dança e a metodologia de *Rasaboxes* (Schechner, 2001). À vista disso, o processo metodológico foi estruturado em duas etapas principais: a revisão bibliográfica e a proposição de aulas de práticas corporais expressivas, como forma de pesquisa-ação.

Vale salientar aqui que uma revisão bibliográfica não é apenas constituída de referências e sínteses do que já foi construído, mas uma reflexão e discussão crítica das obras citadas no texto (Gil, 2017). Além disso, a pesquisa-ação pode ser entendida como “pesquisa participativa, preocupada com a resolução de um problema coletivo, no qual pesquisadores e participantes da situação investigada estão envolvidos” (Corrêa; Campos; Almagro, 2018, p. 64).

O estudo contou com a participação de um grupo de oito mulheres praticantes da Dança do Ventre e foi realizado em uma escola de dança localizada na cidade de Ijuí (RS) entre os meses de janeiro e fevereiro de 2025. Através do uso de dois questionários foi



possível conhecer as mulheres participantes dos encontros e analisar respostas em relação ao exercício das emoções. Entende-se por questionário “um conjunto de questões que são respondidas por escrito pelo pesquisado” (Gil, 2017, p. 77).

Nos apropriamos da ideia central de *Rasaboxes* (Schechner, 2001), essa metodologia relaciona emoção e corpo, dentro e fora, foca em uma percepção instintiva, visceral, mais do que em uma percepção apenas visual e auditiva. Percebe o sujeito como um atleta das emoções (Minnick; Cole, 2011). Na prática, são organizados no chão diversos retângulos. Cada retângulo representa uma emoção que deve ser experimentada corporalmente por cada sujeito. Nesta pesquisa, nos apropriamos da ideia principal de *Rasaboxes* (Schechner, 2001), espaços definidos com diferentes emoções para serem expressadas corporalmente. Porém, o idioma será o português e as emoções serão escolhidas conforme o objetivo da intervenção.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Depreendemos nos tempos atuais (2025) que determinados corpos estão mais vulneráveis e expostos a violências do que outros, um exemplo dessa realidade são os corpos das mulheres (Butler, 2022). Em concordância, as Nações Unidas Brasil divulgou informações registradas pela Organização Mundial da Saúde (OMS, 2021) afirmando que uma em cada três mulheres no mundo sofrem algum tipo de violência e a Folha de São Paulo (2019) confirmou que no Brasil uma mulher é agredida a cada quatro minutos.

Percebe-se os grandes índices de violência contra mulher no mundo, em especial no Brasil. Notícias sobre agressões e feminicídio, infelizmente são corriqueiras. Mostrando-nos que mesmo com o movimento das violências se retirando do âmbito privado e encontrando espaço de fala no público, carecemos cada vez mais de artefatos que produzam palavras reivindicadas capazes de colocar um ponto final nas violências e não apenas reescrevê-las de outras maneiras.

Através da ideia central de *Rasaboxes* (Schechner, 2001), as mulheres participantes da pesquisa foram instigadas a sentir, racionalizar e expressar através dos seus corpos a violência. Os movimentos corporais das participantes revelaram expressivamente sentimentos de medo, dor, tristeza e solidão, por meio de gestos marcados pela tentativa de proteção e autodefesa. Muitas cruzavam os braços à frente do corpo ou do rosto, abaixavam a cabeça, encolhiam o tronco e se abraçavam, sugerindo uma busca por acolhimento ou afastamento de



algo ameaçador. Algumas expressaram emoções com gestos mais sutis, como balançar o corpo suavemente, cobrir o rosto com as mãos ou permanecer imóveis em posturas retraídas. Outras, em contraste, realizaram movimentos mais intensos e agitados, como pular, segurar o pescoço, girar o corpo, “tapar” a si mesmas ou pressionar os pulsos cerrados, demonstrando maior angústia e desespero. As posturas fechadas reforçaram a sensação de fragilidade emocional e o impacto provocado pelo tema explorado no exercício.

Essas mulheres não expressam a violência violentando, sendo agressivas, pelo contrário, elas expressaram sendo violentadas, na perspectiva das vítimas. Isso diz muito, manifesta uma realidade, mostra a potência do corpo como possibilidade de voz política, isso demonstra a inserção das mulheres na violência de gênero. Podemos afirmar que as mulheres participantes não expressam a violência de maneira expansiva e violenta. Gestos violentos não foram usados para expressar a violência e seus atravessamentos. Pelo contrário, utilizaram movimentos “encolhidos”, expressões de medo, membros superiores foram utilizados como forma de proteção. Tais movimentos falam por si só, comunicam uma realidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para concluir, apostamos na dança e na sua licença poética como papel significativo na construção de palavras reivindicadas, e também tudo que envolve esse processo de criação, expressão e expansão interno - externo que permite comunicar, ampliar e enriquecer a discussão sobre a violência contra mulher. Nessa pesquisa, é possível observar um conjunto de elementos que contribuem para a discussão e enfrentamento das violências, justificando sua relevância não apenas para os sujeitos participantes, mas também para a construção de uma educação pela não violência dos corpos.

Palavras-chave: Violências. Gênero. Dança.

AGRADECIMENTOS

Agradecimento à Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio Grande do Sul (FAPERGS) pela concessão da bolsa de Iniciação Científica que possibilitou a produção desse resumo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BBA, Black Brazil Art. **Como a arte lutou pelos direitos das mulheres.** 2020. Disponível em: <https://www.blackbrazilart.com.br/post/como-a-arte-lutou-pelos-direitos-das-mulheres>. Acesso em: 26 de Dez. 2024.

BRASIL, Nações Unidas. **Objetivos de Desenvolvimento Sustentável**. Disponível em: <https://brasil.un.org/pt-br/sdgs>. Acesso em: 27 de Jun. 2025.

BUTLER, Judith. **Vida precária: os poderes do luto e da violência**. Traduzido por: Andreas Lieber. 1 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2022.

CORRÊA, Giovana Camila Garcia; CAMPOS, Isabel Cristina Pires de; ALMAGRO, Ricardo Campanha. **Pesquisa-ação: Uma abordagem prática de pesquisa qualitativa**. Sorocaba: Ensaios Pedagógicos, 2018. Disponível em: [Vista do PESQUISA-AÇÃO: UMA ABORDAGEM PRÁTICA DE PESQUISA QUALITATIVA \(ufscar.br\)](https://ufscar.br/ensaios-pedagogicos/2018/07/01/pesquisa-acao-uma-abordagem-pratica-de-pesquisa-qualitativa). Acesso em: 05 de Set. 2024.

FOLHA DE SÃO PAULO. **Brasil registra 1 caso de agressão a mulher a cada 4 minutos, mostra levantamento.** Disponível em: [Brasil registra 1 caso de agressão a mulher a cada 4 minutos, mostra levantamento - 09/09/2019 - Cotidiano - Folha \(uol.com.br\)](#). Acesso em: 21 de Ago. 2024.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projeto de pesquisa**. 6º edição. São Paulo: Atlas, 2017.

GIL, Antônio C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2006.

GOELLNER, Silvana Vilodre. **Bela, Maternal e Feminina: Imagens da mulher na Revista Educação Physica**. Ijuí: Editora Unijuí, 2003.

GIL, Antônio C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2006.

MINNICK, Michele; COLE, Paula Murray. **O ator como atleta das emoções: O rasaboxes**. Traduzido por: Ana Bevilaqua. O percevejo online: 2011. Disponível em: [O ator como atleta das emoções: o rasaboxes | Michele Minnick Towson University \(Towson, MD, USA\) e Paula Murray Cole Ithaca College \(Ithaca, NY, USA\) | O Percevejo Online \(unirio.br\)](#). Acesso em: 27 de Ago. 2024.

SCHECHNER, Richard. **The Drama Review: Rasaesthetics**. Fall. Copyright ©, 2001.

SCHWENGBER, Maria Simone Vione. **NÃO SE CALE ?uma campanha digital feminista que instigaa capacidade da voz e da fala diante das violências.** EDUCAÇÃO (SANTA MARIA. ONLINE), v. 49, p. 1-25, 2024.

ONU, Organização das Nações Unidas Brasil. **OMS: Uma em cada 3 mulheres em todo mundo sofre violência.** Disponível em: [OMS: uma em cada 3 mulheres em todo o mundo sofre violência | As Nações Unidas no Brasil](#). Acesso em: 21 de Ago. 2024.